7.

MAIO · 2021

Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!

FIGURA 1.
Diego Gelmirez

PONTE DE LIMA NA ÓRBITA DO *PIO LATROCÍNIO* DO ARCEBISPO DIEGO GELMIREZ

PONTE DE LIMA IN THE ORBIT OF THE PIOUS LARCENY OF ARCHBISHOP DIEGO GELMIREZ

São Tomé da Correlhã é povoação intimamente ligada aos Caminhos de Santiago, através da capela em honra deste santo que foi construída na berma da estrada romana secundária que liga Barcelos a Ponte de Limam pelo vale da Facha. O Lugar do Paço, onde está a capela, foi a sede da Villa Corneliana, que esteve ligada à Sé de Compostela e foi local de refúgio temporário do arcebispo Diego Gelmirez quando foi a Braga perpretar o pio latrocínio ao levar consigo as relíquias de São Frutuoso, São Cucufate, São Vítor e Santa Susana.

São Tomé da Correlhã is closely connected to Saint James Way through the chapel dedicated to this saint built adjacent to the secondary roman road linking Barcelos to Ponte de Lima across the valley of Facha. The Lugar do Paço, where the chapel stands, was the seat of Villa Corneliana, which was attached to the Cathedral of Compostela and became a temporary refuge to the archbishop Diego Gelmirez after he travelled to Braga to perpretate the Pious Larceny *taking with him the relics of Saint Frutuoso, Saint Cucufate, Saint Vitor and Saint Susana.*

PIO LATROCÍNIO, VILLA CORNELIANA, CAMINHO DE SANTIAGO, ESTRADAS ROMANAS

PIOUS LARCENY, VILLA CORNELIANA, SAINT JAMES WAY, ROMAN ROADS

CARLOS A. BROCHADO DE ALMEIDA

No princípio do século XII deu-se um dos mais famosos roubos de relíquias do ocidente europeu e para mais perpetrado por um destacado membro da Igreja compostelana de então: o arcebispo Diego Gelmirez.
O primeiro arcebispo de Santiago de Compostela, a fazer fé na tradição, nasceu entre 1068 e 1070 em Compostela ou em Catoira. Era filho de um nobre galego com responsabilidades governativas. Foi educado na escola da catedral e depois na corte do rei Afonso VI. Ganhou experiência a trabalhar na chancelaria do bispo D. Diego Paéz e em 1092 foi escolhido para secretário do conde D. Raimundo da Borgonha, casado com Dª Urraca, filha de Afonso VI. A ascensão na carreira eclesiástica começou por altura da sua peregrinação a Roma, tendo sido feito diácono e bispo pelo papa Calisto II, que um ano depois, em 1100, o elevou à dignidade de arcebispo de Santiago de Compostela. Foi o primeiro a receber tal dignidade pois até aí os bispos de Santiago dependiam do metropolita de Braga como aliás outras dioceses sufragâneas. Elevada à mesma condição de Braga ficaram então a depender de si as dioceses de Idanha, Guarda, Lamego, Salamanca e Zamora[1].
Como arcebispo de Santiago de Compostela Diego Gelmirez tudo fez para enriquecer a sua diocese já que foi ele quem concluiu as obras da catedral que haviam começado no ano de 1077. Figura incontornável na política da época, imiscuiu-se ativamente nas alianças e desencontros que então aconteceram no seio da corte castelhano-leonesa, sobretudo na altura da insurreição dos barões portucalenses. Apoiante ora da rainha Dª Urraca e de seu filho Afonso VII, ora de D. Teresa e dos Travas, tudo fez para manter a Galiza independente dos interesses castelhano-leoneses, porque tal solução ia de encontro aos seus objetivos mais declarados e que passavam por tornar-se no prelado mais importante do Ocidente Peninsular, logo a seguir a Toledo[2].
As suas tentativas de abater a supremacia da Igreja de Braga não se ficaram pela simples equiparação na dignidade de metropolita arquidiocesano. Era preciso retirar daquela todos os argumentos que faziam dela a cidade mais respeitada da Galiza desde os tempos em que havia sido capital de um *conventus* romano e depois do reino Suevo. Em comparação com a sua, Braga era uma diocese muito mais antiga, pois descontando os bispos lendários e os não confirmados, teve o seu primeiro bispo histórico na pessoa de Balcónio, que governou a diocese entre 417 e 456.
Um dos argumentos que Braga brandia eram as relíquias que se orgulhava de ter no espaço da cidade. Estas eram de santos, alguns deles mártires, nem todos verídicos, que operavam milagres[3] e assim contribuíam para a

[1] Sobre a vida e obra deste arcebispo Cfr. BIGGS, Anselmo Gordon – *Diego Gelmírez, primeiro arcebispo de Compostela*, Washington, DC, The Catholic University of America Press, 1949; OLIVEIRA, P.e Miguel de – *Os territórios diocesanos*, Porto, 1956.

[2] Sobre este tema Cfr. AMARAL, Luís Carlos; BARROCA, Mário Jorge – *A condessa-rainha Teresa*, Círculo de Leitores, Maia, 2012; MATOSO, José – *D. Afonso Henriques*, Círculo de Leitores, Maia, 2011.

[3] Sobre os milagres e a sua importância no universo cristão Cfr. BOUFLET, Joachim – *Uma História de Milagres*, Teorema, Lisboa, 2010.

[4] ESPÍRITO SANTO, Moisés – *A Religião Popular Portuguesa*, 2ª ed., Assírio e Alvim, Lisboa, 1990, pág. 139; COSTA, P.e Carvalho da – *Corografia Portuguesa*, T. I, Lisboa, 1706, pág. 337.

[5] Foi o arcebispo D. Frei Baltasar Limpo quem no século XVI ordenou a transferência dos restos mortais atribuídos ao santo.

[6] RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano*, Vol. 2 (Vol. 5), Ediciones del Serbal, Barcelona, 1998, pág. 331.

elevação da fama daquela sé metropolita. Entre os santos locais, cujas relíquias se conservavam nas igrejas da cidade e arredores, estavam as de São Vítor, Santa Susana, São Cucufate, São Silvestre e São Frutuoso, a par de outras que as várias igrejas detinham. Escaparam a esta autêntica razia São Martinho de Dume e São Pedro de Rates, sendo que o primeiro é tido como discípulo de São Tiago e o segundo como bispo de Braga[4]. Também este santo foi objeto de um *pio latrocínio* só que realizado mais tarde por um arcebispo de Braga, mas que por esta altura ainda se conservava na sua igreja de São Pedro de Rates, concelho da Póvoa de Varzim[5].

Quem eram afinal os santos que tanta cobiça despertaram ao arcebispo de Santiago de Compostela? São Vítor, muito provavelmente, é um santo lendário pois a sua hagiografia é difícil de comprovar. Entra certamente no número daqueles que Louis Réau definiu como santos com personalidade mal definida, sendo que originalmente este nome não passava de um título honorífico que era concedido aos mártires cristãos que se haviam demarcado do paganismo[6]. Muitos destes santos com hagiografias de difícil análise são tidos como martirizados nas perseguições levadas a cabo pelos imperadores romanos. As mais conhecidas ocorreram em Roma e nas principais cidades da Ásia Menor, mas outras certamente houve nas províncias ocidentais. Quando os mártires se tornaram

"Quem eram afinal os santos que tanta cobiça despertaram ao arcebispo de Santiago de Compostela? São Vítor, muito provavelmente, é um santo lendário pois a sua hagiografia é difícil de comprovar."

FIGURA 2.
Relíquias de São Martinho de Dume.

na principal força do cristianismo não faltou por isso quem reivindicasse o privilégio de conviver com os restos mortais daqueles que haviam dado a vida por tal ideal.
Ter santos locais dava prestígio. Mártires muito mais, porque estes legitimavam as pretensões hegemónicas de cidades e igrejas que se sentiam candidatas a sedes de bispados e muito mais quando uma delas se arrogava no direito de presidir aos destinos das demais. A *Bracara* dos romanos e depois dos suevos, foi um desses casos. Que o cristianismo já aqui estava implantado no século IV disso há provas mais que concretas. As dúvidas estão se alguma vez aqui ocorreu uma perseguição aos cristãos e por arrastamento, se os mártires que lhe são atribuídos, não são pura e simplesmente uma invenção posterior destinada a legitimar o seu ascendente sobre as dioceses sufragâneas[7].
São diversas as versões acerca da origem e morte de São Vítor. Há os que defendem que o santo nasceu na freguesia de São Julião de Passos e que foi martirizado quando ainda era catecúmeno, sendo enterrado no local onde mais tarde seria construída a igreja que se encontra na saída oriental de *Bracara Augusta*, isto é, na berma da estrada romana para *Aquae Flaviae*[8]. O momento do martírio, que foi feito com lâminas em brasa antes de ser decapitado, ocorreu no século I, sendo que uns apontam para a perseguição de Nero e outros para o tempo de Sulpício Galba, o prefeito da Tarraconense que lhe viria a suceder na chefia do império.
Na resenha apresentada por Jorge Cardoso o santo teria sido pastor nas terras que se estendem para lá da raia portuguesa, junto a Bragança, sendo irmão de Santa Susana[9]. Este autor escreveu mesmo que *"as generosas proezas do inclyto M. S. Victor ilustrão mais a antiga cidade de Braga, que as veneráveis memórias romanas, de q abuda"*[10]. Daí que não se saiba ao certo onde foi martirizado e se o foi em Braga onde está efetivamente enterrado. Tais dúvidas são por demais pertinentes pois até Jorge Cardoso as tinha quando escreveu em 1657 o seu Agiológio Lusitano: *"Onde estão hoje suas relíquias tem sua duvida"*[11].
Porquê tais dúvidas?
De acordo com o relato feito pelo arcediago da sé de Compostela, D. Hugo, futuro bispo do Porto, quando Diego Gelmirez se deslocou a Braga e estando na igreja de São Vítor mandou cavar a sepultura que se presumia ser daquele mártir. Nela encontrou não um corpo, mas duas caixas de prata, sendo que numa *"havia relíquias de Nosso Senhor e Salvador"* e a outra continha as *"relíquias de muitos santos"*. Perante os achados, fechou-os, selou-os e colocou-os *"à guarda dos seus fieis clérigos"* que os levaram para Santiago de Compostela[12]. Este relato parece condizer com a descrição que se fez da abertura de uma sepultura na dita igreja de São Vítor no ano de 1590 pelo arcebispo D. Agostinho de Castro. Como este

FIGURA 3.
Fachada da igreja de São Vitor em Braga.

não encontrou mais que alguns ossos, muito pequenos *"de S. Susana sua irmã"*, mandou indagar junto de Santiago se o corpo do mártir São Vítor lá estaria, mas chegou à conclusão que *"nenhua memoria ha là de S. Vítor"*[13].

Santa Susana é tida como irmã de São Vítor, mas não é de modo algum a Susana de Babilónia, ou seja, do Antigo Testamento, que uma lenda da Idade Média diz ter sido enterrada em Jerusalém e de onde os seus ossos terão sido trazidos por Carlos Magno que os doou à abadia de São Sernin de Toulouse, nem tão pouco uma virgem romana que em 293 foi decapitada na perseguição de Deocleciano[14].

É extremamente difícil estabelecer uma hagiografia credível para esta difusa mártir bracarense a não ser que se lhe atribuam os méritos das outras santas, como tantas vezes aconteceu. Consultados os autores panegíricos dos séculos XVII e XVIII, estes pouco mais acrescentam ao facto de ser irmã de São Vítor e de ter sido martirizada juntamente com outros companheiros.

D. Rodrigo da Cunha, em 1634, dá mesmo uma lista dos presumíveis mártires de Braga, aos quais juntou ainda São Torcato: *"Não tardou muito que tambe não fossem presos por Christãos Santa Suzana irmã de São Victor, São Cucufate, & São Torcato outros dous irmaõs naturaes de Braga, & todos degollados por sentença de Sérgio"*[15].

O resto que se sabe a respeito de santa Susana está relacionado com o roubo dos seus ossos pelo arcebispo D. Diego Gelmirez. De acordo com a História Compostelana, o arcebispo, depois de ter aberto o túmulo de São Vítor *"dirigiu-se à igreja da bem-aventurada Susana, virgem e mártir, perto da igreja de S. Vítor, e nela celebrou missa"*[16].

Tomou os corpos dos mártires São Cucufate e São Silvestre, que estavam na mesma igreja, envolveu-os num lençol e encarregou os criados de os levarem juntamente com o corpo de Santa Susana: *"tomou o seu venerável corpo, com choro, suspiros e lágrimas, e entregou-o para, escondidamente, o guardarem com os outros"*[17].

São Cucufate[18] é um santo de origem africana, da província da Mauritânia, que veio para a Catalunha onde pregou o Evangelho. Por força das suas convicções acabou por ser martirizado em tempo do imperador Diocleciano. Aqui ficou conhecido pelo nome de São Cugat, sendo o seu principal santuário em São Cugat del Vallés, na Catalunha, sítio onde teria sido degolado após ter sofrido uma série de sevícias[19]. Segundo a sua hagiografia o seu corpo é reclamado por várias igrejas peninsulares entre elas Braga e Oviedo, contudo a sua cabeça teria sido levada para França, para a basílica de Saint-Denis no ano de 835.

Quanto a São Silvestre, que não é o que foi papa entre 314 e 335[20], é ainda de avaliação mais difícil. Não há relatos, mesmo que fantasiosos, sobre a sua vida e martírio, ficando-se as informações pela analogia que há com as biografias de Santa Susana, São Vítor e São Torcato[21].

[7] Sobre a introdução do cristianismo em Braga Cfr. REAL, Manuel Luís – *Inovação e Resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular,* Actas da IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica (Lisboa, 1992), Barcelona, 1995, pág. 17-68; MACIEL, J. – *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal.* Lisboa, 1996.

[8] A igreja atual foi construída a mando do arcebispo D. Luís de Sousa no ano de 1686. O seu arquiteto foi o francês Miguel Lescole.

[9] CARDOSO, Jorge – *Agiológio Lusitano,* Vol. II, Porto, 2000, pág. 528-530.

[10] CARDOSO, Jorge, op. cit., pág. 528. O P.e Carvalho da Costa aponta o sítio das Goladas como o local onde São Vítor foi martirizado. Cfr. COSTA, P.e Carvalho da – *Corografia Portuguesa*, T. I, Lisboa, 1706, pág. 176.

[11] CARDOSO, Jorge, op. cit., pág. 529.

[12] MARTINS, Mário, op. cit., pág. 56.

[13] CARDOSO, Jorge, op. cit., pág. 530.

[14] RÉAU, Louis, op. cit., pág. 240-241.

[15] CUNHA, D. Rodrigo da – *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga,* Braga, 1989, pág. 176.

[16] Segundo o texto, Santa Susana estaria enterrada numa outra igreja, que não a de São Vítor, embora relativamente próxima. É informação difícil de comprovar.

[17] MARTINS, Mário, op. cit., pág. 56.

[18] Foi patrono de um mosteiro implantado sobre as ruínas de uma *villa* romana situada no concelho da Vidigueira. Esta ficou conhecida pelo nome de *villa* romana de São Cucufate.

[19] RÉAU, Louis, op. cit., T. 2 (3), pág. 364-365.

[20] RÉAU, Louis, op. cit., T. 2 (3), pág. 219-220.

[21] CUNHA, D. Rodrigo da, op. cit., Vol. I, pág. 102-103; CARDOSO, Jorge, op. cit., pág. 530; MARTINS, Mário, op. cit., pág. 56.

A missão de *pio latrocínio*, que foi levada a cabo em Braga pelo arcebispo Diego Gelmirez, vem descrita na *História Compostelana* com tais detalhes que é impossível não perceber as intenções e motivações que o levaram a concretizar tal empreendimento. O pretexto foi visitar todas *"as igrejas, capelas e herdades que na região portugalense"* dependiam da sé de Compostela. Ocultamente desenvolvia o propósito, aliás conseguido, de *"transferir para a Sé de Compostela, alguns corpos dos preciosos santos a que neste lugar, ninguém presta culto nenhum"*[22]. A execução do plano fez-se consoante o que havia previamente concebido e amadurecido e concretizou-o quando percebeu que as condições de proteção às relíquias nas igrejas bracarenses eram escassas, porque ninguém imaginava que sucedesse o que realmente aconteceu.

Confiou o arcebispo São Geraldo, um antigo monge da abadia francesa de Moissac, que governou a diocese de Braga entre 1096 e 1108, tal como os responsáveis pelas diversas igrejas, que estavam longe de imaginar que o arcebispo de Santiago se comportaria como um autêntico salteador de coisas sagradas. Quando a população descobriu que o arcebispo de Compostela havia praticado *"uma façanha indigna"*, este partiu à pressa para a vila Corneliana[23] e enviou por caminhos não usuais para a Galiza a preciosa carga que havia trazido de Braga e de Montélios[24].

O último ato de latrocínio perpetrado por Diego Gelmirez ocorreu na igreja de Montélios, às portas da cidade, localizada na berma da estrada romana que atravessava o Lima em Ponte de Lima e dali seguia para Tuy e Pontevedra. O objetivo era entrar na igreja onde se encontrava o corpo de **São Frutuoso** e levar os seus restos mortais para Compostela juntamente com os outros que já trazia das igrejas de São Vítor e de Santa Susana.

De todas as relíquias que o arcebispo de Santiago se apossou as de São Frutuoso eram as mais cobiçadas porque pertenciam a um dos santos mais conhecidos da Península Ibérica, tido como obreiro de uma série de regras sobre monaquismo, fundador de mosteiros e bispo das dioceses de Dume e de Braga[25].

São Frutuoso nasceu em Astorga e veio a falecer no ano de 665 na cidade de Braga, mais especificamente em Montélios, freguesia si-

FIGURA 4.
Relíquias de São Frutuoso.

tuada na periferia norte da antiga cidade romana e que mais tarde foi também a capital do reino Suevo[26]. Depois de São Martinho de Dume, São Frutuoso é a outra grande figura do episcopado galego e bracarense do tempo dos suevos e visigodos. A sua vida e obra é conhecida a partir das notas que nos foram legadas por São Valério de Bierzo, pode-se dizer um conterrâneo coevo do santo ermita, pois ambos gravitaram na órbita da antiga capital do *conventus Asturicam*[27].

Da sua vasta biografia consta a fundação de uma série de cenóbios que foram dotados com regras que ele próprio organizou. A *Regra Monachorum* e a *Regra Monastica Comunnis* são o reflexo dos conhecimentos que São Frutuoso tinha do monaquismo do Médio Oriente, das regras europeias que então havia e sobretudo da *Norma* de Santo Isidoro. Refundiu-as e deu-lhes uma originalidade tal que só o advento da Ordem Beneditina, a partir de Cluny, viria alterar o quadro existente dos cenóbios então espalhados pela Península Ibérica.

Um dos cenóbios fundados por São Frutuoso situava-se em Montélios, próximo a Braga, local onde viria a ser enterrado. Sobre a sua sepultura foi construído, posteriormente, entre o final do século IX e início do X um pequeno templo de planta centrada, de quatro absides iguais, que é um dos melhores exemplares da arquitetura moçárabe que se conservam em Portugal[28].

Foi, portanto, do interior desta igreja que Diego Gelmirez retirou o corpo de São Frutuoso e que, com ele, se dirigiu à *villa* corneliana (Correlhã). Àquela data a zona de Montélios seria pouco povoada, o que facilitou os intentos do arcebispo, tal como não havia ainda o convento que foi entregue em 1523 aos franciscanos da Província da Piedade, por ordem do arcebispo D. Diogo de Sousa. Posteriormente, em 1728, D. Rodrigo de Moura Teles mandaria remodelar a igreja do convento, a qual viria a incorporar a capela primitiva.

O trajeto seguido pelo arcebispo D. Diego Gelmirez entre Santiago de Compostela e Braga foi, sem dúvida, a antiga estrada romana conhecida como Via XIX do Itinerário de Antonino. Era o caminho possível e o mais movimentado, porque era também o único que no começo do II milénio estava equipado com pontes (Pontevedra e Ponte de Lima) que facilitavam e muito a travessia de importantes cursos de água. Era, aliás, também o traçado mais seguido pelos peregrinos que no câmbio do I milénio demandavam o túmulo do apóstolo em Compostela a partir de Braga. Por esta mesma altura um outro traçado ganhava ascendência a partir do Porto. Será aquele que ficou conhecido por *Caminho Português* e que após a travessia de São Pedro de Rates rumava a Barcelos e a Ponte de Lima pela Ponte das Tábuas e Vale da Facha. Em qualquer dos casos, os viajantes oriundos de Braga ou

[22] MARTINS, Mário, op. cit., pág. 56.

[23] A *Villa Corneliana* corresponde à freguesia da Correlhã, concelho de Ponte de Lima. Na altura dos acontecimentos pertencia à sé de Santiago de Compostela.

[24] MARTINS, Mário, op. cit., pág. 57.

[25] Foi bispo destas duas dioceses entre 656 e 660.

[26] VALERIO, *Vita Sancti Fructuosi*, Edições C. NOCK, Washington 1946.

[27] Sobre a vida e obra do santo Cfr. AMARAL, Ronaldo – *Hagiografia e vida monástica*. O eremitismo como ideal monástico na *Vita Sancti Fructuosi*, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006; VELÁZQUEZ SORIANO, Isabel – *Hagiografía y culto a los santos en la Hispania visigoda: aproximación a sus manifestaciones literárias*, Asociación de Amigos del Museo/ Fundación de Estudios Romanos, Mérida, 2005; REAL, Manuel Luís – *Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe*, in Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antiguedad Tardia y la Alta Edad Media, Anejos de AEspA, XXIII, Madrid 2000, pág. 21-75.

[28] ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de – *O Românico* in História da Arte em Portugal, Vol. II, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pág. 95-110.

do Porto fletiam para a atual vila de Ponte de Lima onde, desde os primórdios do Império Romano em Portugal, habitava a única ponte que facilitava a travessia do rio Lima.

De Compostela para Braga

Partindo de Santiago de Compostela, onde a estrada romana passava a caminho de *Brigantium*, a Corunha de hoje, o arcebispo rumou a Iria Flávia, anterior sede episcopal antes de ser transferida para Compostela[29], importante localidade ligada ao culto jacobeu desde que aí, segundo a lenda, tinha aportado a barca com o corpo de São Tiago. A etapa seguinte terá sido *Ad Duos Pontes*, ou seja, Pontevedra, importante localidade situada na borda da ria de Vigo, que deve a sua origem a uma das *mansiones* da Via XIX do Itinerário de Antonino[30].

Antes de entrar no atual território português, na altura ainda e só Condado Portucalense, Diego Gelmirez parou em Tuy, burgo medieval com origem romana[31], que se encontra situado na margem norte do rio Minho. Esta terra era na altura a sede de um bispado que tinha a sua origem em tempo da realeza sueva. A sé catedral, dedicada a Santa Maria, ainda não tinha sido construída pois as suas obras só arrancaram por volta de 1120 e foram concluídas em 1180. Daí a sua traça românica apesar dos acrescentos góticos posteriores (século XIV), nomeadamente o tímpano com a *Adoração dos Reis Magos* que decora o Pórtico Real e o claustro que é exemplar único na arquitetura gótica galega.

A travessia do rio Minho fazia-se de barco já que os romanos nunca construíram na Via XIX, entre Tuy e Valença, uma ponte, podendo-se dizer o mesmo dos que lhes sucederam na administração do território[32]. Na falta desta, o arcebispo, mais a sua comitiva, serviram-se da barca que unia as duas margens, provavelmente uma antecessora daquela que Dona Teresa concedeu no ano de 1125 ao bispo e cabido de Tuy a título exclusivo: *"nullus habeat navem condicticiam in portu Tuda exceptis vobis"*[33]. Esta realidade não durou para sempre, porque anos depois já a povoação de Valença também ali tinha a operar uma barca, a qual atracava no cais da Veiga do Ouro, ou seja, no mesmo sítio onde desembocava a antiga estrada romana[34]. Aqui Diego Gelmirez terá visto um dos muitos marcos miliários que se estendiam ao longo da estrada romana. No caso vertente o que foi dedicado ao imperador Cláudio e que marcava a milha 42 a partir de *Bracara Augusta* e que se encontrava no Areinho[35].

Na altura em que Diego Gelmirez atravessou o rio Minho para a outra margem ainda não existia a povoação de Valença do Minho ou antes a vila de Contrasta como hoje a vemos, que é fruto de uma série de fortificações feitas ao longo dos séculos seguintes, sendo

FIGURA 5.
Ponte de Lima.

que o dispositivo abaluartado foi concebido pelos estrategas e engenheiros militares do final do século XVII na sequência das Guerras da Restauração[36]. O que havia no cimo da colina que margina o rio Minho eram os restos de um antigo castro sob os alicerces de uma pequena povoação que posteriormente, no reinado de D. Sancho I, recebeu um foral e no reinado do filho, D. Afonso II, os primeiros sinais de uma fortificação, já que era necessário a presença física e um sítio amuralhado capaz de desmotivar os galegos da outra margem.

Se dentro da povoação, à exceção da primitiva igreja paroquial, não havia outros motivos de interesse para a comitiva do arcebispo, o mesmo não poderemos dizer do que se passava no espaço envolvente, porque a curta distância encontrava-se o recém-recuperado mosteiro de Ganfei[37]. A sua origem é seguramente altomedieval e provavelmente, por aquela altura, já deveria seguir a regra beneditina de Cluny. Antes do seu abandono, certamente motivado pela incursão militar de Almansor até Santiago de Compostela, aquele cenóbio seguiria a Regra de São Frutuoso, realidade que manteve até à sua extinção.

Numa região onde abundavam os mosteiros e sobretudo os que estavam subordinados à Regra de São Bento, a importância do mosteiro de Ganfei está na sua ligação a São Teotónio, um dos fundadores do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e seu primeiro abade, que nasceu naquela localidade no ano de 1082. Para além de ser coevo de Diego Gelmirez e de ter militado no partido oposto aos interesses galegos, era um homem de raro brilhantismo a quem o papa Adriano IV pretendeu fazer bispo de Coimbra[38].

Abandonadas as margens do rio Minho a comitiva galega atravessou uma região algo inóspita, com solos bastante húmidos, se não mesmo encharcados, geologicamente constituídos por antigos terraços fluviais onde a presença de seixo miúdo dificultava a prática agrícola. Esta realidade manteve-se até às portas da igreja de São Miguel de Fontoura onde a estrada passava para se dirigir para a portela que antecede o vale do rio Coura onde estão as freguesias de Rubiães e de São Paio de Agualonga. Porém antes tinha de vencer uma outra dificuldade, que era a travessia do ribeiro do Cerdal, um curso de água não muito profundo, mas que poderia tornar-se largo e incómodo em momentos de maior pluviosidade. Como não há notícia de ter havido por aqui uma ponte em Época Romana e mesmo na Idade Média – a ponte da Pedreira que está junto à igreja de Santa Eulália é do começo da Época Moderna e vem descrita em 1758 como uma *"ponte de cantaria no sitio do lugar de Passos desta freguezia"*[39], presumimos que era atravessado de barco ou a vau, conforme o tempo o permitisse.

Duvidar que a estrada romana passava pela freguesia de São Miguel da Fontoura é possível, mas não a estrada que os peregrinos seguiam na sua caminhada para

[29] Iria Flávia faz parte do concelho de Padrón.

[30] PEÑA SANTOS, António – *História de Pontevedra*, Editorial Via Láctea, A Coruña, 1996; ESTEFANIA ALVAREZ, M. D. N. – *Vias romanas de Galicia*, in Zephyrus, Vol. XI, 1960, pág. 5-103; TRANOY, A – *La Galice Romain*, Paris, 1981.

[31] Na altura em que a estrada romana era a principal via de acesso entre o interior do Minho e o coração da Galiza esta localidade tinha o nome de Tude.

[32] A primeira ponte só foi construída em 1886 para caminho-de-ferro, pessoas e carros.

[33] DMP, DR, pág. 88.

[34] IGLESIAS ALMEIDA, Ernesto – *Los antiguos "portos" de Tuy y las barcas de pasage a Portugal*, pág. 11 e 41.

[35] Este miliário foi levado para o interior da fortaleza e encontra-se, presentemente, em frente da igreja da Misericórdia. Cfr. ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *A rede viária do conventus Bracaraugustanus: via Bracara Austuricam Quarta*, Sep. Minia, 2ª Série, Vol. 3, Braga, 1979.

[36] OLIVEIRA, A. Lopes de – *Valença do Minho*, Póvoa de Varzim, 1978; CASTRO, Alberto Pereira de – *A Praça Forte de Valença do Minho*, Valença, 1995.

[37] O retorno à vida monástica deve ter recomeçado em 1018 sob os auspícios de um cavaleiro francês de nome Granfied que morreria com fama de santidade.

[38] Sobre este convento Cfr. PMH, *Scriptores*, I, pág. 80; SÃO TOMÁS, Frei Leão de – *Benedictina Lusitana*, V. I, Parte II, Lisboa, 1974, pág. 421; ROSAS, Lúcia Maria Cardoso – *As Obras Seiscentistas no Mosteiro de S. Salvador de Ganfei*, in Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. VIII, pág. 319-326; TABORDA, Célia Maria – *O Mosteiro de Ganfei. Propriedade, Produção e Rendas no Antigo Regime*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, texto policopiado, Porto, 1993.

[39] CAPELA, José Viriato et alii – *As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758*, Casa Museu de Monção/ Universidade do Minho, Braga, 2005, pág. 384.

Santiago de Compostela. A tradição teima em considerar que a rainha Santa Isabel por aqui passou na altura da sua peregrinação e mais para o monte há um cruzeiro com simbologia jacobeia, mais especificamente junto à capela do Senhor dos Aflitos. No entanto a prova mais consistente é a informação que o abade de São Miguel de Fontoura enviou para as Memórias Paroquiais de 1758. Nela se diz que *"passa (...) pela porta [da igreja] a estrada de Santiago de Galiza deste Reino por cuja cauza nem faltam pobres e hospedes á porta do abade"*[40].

Ultrapassada a Portela de São Bento[41], o velho caminho romano descia para a ponte sobre o rio Coura sempre aconchegado ao sopé do monte da cividade de Cossourado onde há um antigo castro da Idade do Ferro. É aliás desta zona que provêm os vários marcos miliários que atualmente estão a sustentar o alpendre e a decorar o espaço que envolve a capela de São Bartolomeu de Antas. Há ainda outros miliários na quinta do Crasto e no adro da igreja românica de Rubiães, que teve depois a função de sepultura. Não faltam, portanto, provas que a estrada romana trilhava este território[42]. Quanto à travessia do rio Coura pode dizer-se que a mesma foi feita numa ponte de três arcos que tinham aberturas distintas. As suas origens remontam à época romana, mas no começo do II milénio já havia sentido os efeitos de pelo menos uma reconstrução[43].

Quando Diego Gelmirez atravessou a freguesia de Rubiães não viu a igreja românica dedicada a São Pedro, porque esta ainda não existia. É provável que visse uma outra, mais simples, no mesmo lugar, porque esta, apesar das adulterações posteriores, só começou a ser construída no começo do século XIII, isto de acordo com uma inscrição que indica a data de 1202[44]. A igreja de São Pedro de Rubiães é uma construção românica bem conservada apesar dos acrescentos que teve no século XVI os quais estão na origem do alongamento da capela-mor para nascente. Intocável permaneceu o corpo central da igreja e a porta axial. À fachada foi-lhe, posteriormente, acrescentada uma torre sineira. Deveras interessante é o portal axial com três arquivoltas onde, nos fustes centrais, há duas representações da *Anunciação*. Por seu lado, o tímpano, que não é o original, foi executado no século XIX[45].

Na sua caminhada para o rio Lima, o arcebispo atravessou a freguesia de São Paio de Agualonga e a de São Tiago de Romarigães, que está à vista da velha cividade da Idade do Ferro e dali encaminhou-se para a portela de Romarigães, local de onde se tem uma ampla visão do verdejante vale do rio Lima. Embora seja do século XVIII, a notícia da passagem da estrada por esta localidade está bem explicitada pelo abade de Agualonga no texto que enviou para as Memórias Paroquiais de 1758. Segundo ele, sobre o regato *"Agoa Longa"* havia *"huma ponte de hum arco*

[40] CAPELA, José Viriato et alii, op. cit., pág. 387.

[41] A capela foi construída em 1585 fruto da fama que a congénere do Gerês havia alcançado.

[42] Sobre o traçado da Via XIX do Itinerário de Antonino nesta freguesia Cfr. ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *A rede viária do Conventus Bracaraugustanus, Via Bracara Asturicam Quarta*, in Mínia, nº 3, 2ª série, Braga, 1979; Sobre os marcos miliários encontrados nesta povoação Cfr. CUNHA, Narcizo Alves da, op. cit. pág. 101-108.

[43] ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de – *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*, Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (texto policopiado), Porto, 1968; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *A rede viária do Conventus Bracaraugustanus, Via Bracara Asturicam Quarta*, in Mínia, nº 3, 2ª série, Braga, 1979; ALMEIDA, Carlos A- Brochado de - *A Via XIX em Território Limiano*, Ponte de Lima, 2008.

[44] ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de – *O Românico* in História da Arte em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1986.

[45] ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de – *O Românico* in História da Arte em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pág. 59; ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de – *O Românico* in História da Arte em Portugal, Editorial Presença, Lisboa, 2001, pág. 91.

[46] CAPELA, José Viriato et alii – *As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758*, Casa Museu de Monção/ Universidade do Minho, Braga, 2005, pág. 242.

[47] Sobre as dificuldades e perigos da travessia desta serra Cfr. ALBANI, Nicola – *Viaxe de Nápoles a Santiago de Galicia*, Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, 2007, pág. 171-179.

[48] MOREIRA, Manuel António Fernandes – *Fundação do Mosteiro Visigótico de Santa Maria de Vila Mou e a Reorganização da Terra da Vinha*, Caminha, 1985.

de cantaria na estrada que vai pera Valença do Minho"[46].

A descida para o rio Lima fazia-se pelo meio de uma serrania inóspita e de difícil trânsito, como aliás a descrevem vários relatos posteriores: *"tiña que pasar unha gran montaña rochosa, chamada a montaña de Lima, moi desastrosa e perigosa a causa de ladróns"*[47]. Sobre ela há ainda um outro relato, que é anterior e que fala na fuga que o bispo de Tuy teve de fazer para se refugiar no convento de São Cristóvão de Labruja, no reinado de Afonso IV (927-931), quando os vikings atacaram Tuy[48]. Este convento, que hoje se revê na capela de Santa Ana, com traços quinhentistas, ficava ligeiramente à margem da estrada romana. Havia sido fundado por volta de 915 e a fuga do bispo Nausto fez-se para o interior da sua diocese que na altura se estendia até ao rio Lima.

"*A descida para o vale onde corre o rio Labruja fazia-se entre pequenos lugarejos, alguns dos quais têm origem nos habitantes que saíram dos quatro povoados da Idade do Ferro que se distribuem pelas freguesias de Labruja, Bárrio e Cepões.*"

FIGURA 6.
Via romana XIX.

A descida para o vale onde corre o rio Labruja fazia-se entre pequenos lugarejos, alguns dos quais têm origem nos habitantes que saíram dos quatro povoados da Idade do Ferro que se distribuem pelas freguesias de Labruja, Bárrio e Cepões. Ora é precisamente nesta última localidade que se encontra uma outra ponte por onde a comitiva do arcebispo passou e atravessou o pequeno rio Labruja. Trata-se de uma ponte de um só arco de volta perfeita, com pedras almofadadas na silharia do arco as quais apontam para uma filiação romana. O mesmo se pode dizer da ponte da Geia sobre o mesmo rio, só que na freguesia de Santa Marinha de Arcozelo e que também é coeva da *peregrinatio* de Diego Gelmirez. Olhando bem para ela, apesar das reformulações posteriores, ressaltam à vista as pedras almofadadas na estrutura do arco e os silhares que não escondem o uso da técnica de construção de pontes que foi apanágio da escola romana.

Foi esta ponte apelidada desde tempos recuados de ponte ou Arco da Geia e encontra-se mais do que referenciada pois a ela se reportam vários documentos do século XII oriundos do convento do Crasto de Guimarães que aqui tinha algumas propriedades. Num deles, está mencionada não só a antiga estrada, como também a igreja de Santa Marinha e a ponte que lhe estava próxima: *"in loco qui dicitur Agro-Covo juxta Sancta marina et de alia pars ad pede illo arcus petrino, quomodo venit*

per ipsa carreira antica, et concludet in Sancta Marina, et…loco qui dicitur ad pons S. Marina"[49].
Um outro documento fala também desta estrada romana, só que mais acima, no lugar do Espinheiro, freguesia da Labruja: *"in Portella vendiderunt a Nuno Vilulfiz et a Dordio Neidiz, de illa arca Petriza quomodo vadit per ipsa via usque in Portella de illo Spineiro"*[50].
Perante tais argumentos será muito difícil defender que até à ponte sobre o rio Lima o arcebispo e a sua comitiva tivessem optado por outro caminho que não a usual estrada romana.
A velha estrada romana, que depois virou caminho medieval e em grande parte do seu traçado, caminho de peregrinação para Santiago de Compostela, passava relativamente próxima ao sítio onde os fregueses de Santa Marinha de Arcozelo resolveram levantar a sua igreja. Esta, de traça românica bastante alterada, foi edifício que o arcebispo também não viu, porque se trata de uma obra ligeiramente posterior, isto é, do século XIII. A filiação românica desta obra está também patente nos cachorros de figuração geométrica e noutros com cabeças de animais[51].
Daqui até à ponte sobre o rio Lima o arcebispo de Santiago calcorreou um terreno deveras húmido, porque as invernias e a proximidade do rio com largas e cíclicas cheias tornava este território agricolamente fértil, mas também num espaço que em certas épocas do ano poderia ser de difícil travessia.

[49] *Cartulário do Mosteiro de Crasto*, doc. XXIII, Guimarães, 1938, pág. 35.

[50] *Cartulário do Mosteiro de Crasto*, doc. XIV, Guimarães, 1938, pág. 26.

[51] ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de – *O Românico*, in História da Arte em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1986.

[52] ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *A rede viária do Conventus Bracaraugustanus, Via Bracara Asturicam Quarta*, in Mínia, nº 3, 2ª série, Braga, 1979.

[53] Sobre este assunto Cfr. FERNANDES, A. de Almeida – *Ponte de Lima na Alta Idade Média*, in Revista do Alto Minho, Vol. 9, Viana do Castelo, 1960; FERNANDES, A. de Almeida – *Ainda Ponte de Lima na Alta Idade Média*, Coimbra, 1961; COSTA, Avelino de Jesus da – *Ponte de Lima na Alta Idade Média*, Coimbra, 1961.

[54] ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *A Ponte Romano-Gótica de Ponte de Lima*, in Ponte de Lima, Terra Rica da Humanidade, Ponte de Lima, 2008, pág. 53-67.

FIGURA 7.
São Roque na capela de N. Sr.ª das Neves.

FIGURA 8.
Marco miliário de Rubiães.

FIGURA 9.
Ponte romana.

A travessia do rio Lima fazia-se na única ponte que por aqui havia até à construção da ponte da Barca. Fora mandada construir na vigência governativa do primeiro imperador romano, tal como a estrada que ficaria conhecida como a via XIX do Itinerário de Antonino. Aliás conhecem-se dois miliários atribuídos a este imperador nesta estrada: um estava na ponte de Prado, hoje em paradeiro incerto, o outro está no lugar do Crasto, freguesia de **Rubiães**[52].

Quando chegou à margem do rio, já em processo de assoreamento acelerado, deparou-se com um punhado de casas que formavam o núcleo primitivo do Antepaço por alguns tido como sendo o mais antigo das duas margens do rio Lima. Tanto quanto se sabe, no século XI, D. Fernando Magno que tinha nesta localidade um paço, havia doado parte destas terras ao mosteiro de Compostela[53]. Do outro lado estava o núcleo urbano que está na origem da atual vila de Ponte de Lima, nascido bem antes da rainha Dª Teresa lhe ter concedido o foral que a autonomizou entre as demais povoações da Ribeira Lima, tanto mais que a sua feira era já um importante marco na economia regional.

O arcebispo atravessou o rio Lima na velha **ponte romana**, já manifestamente insuficiente para fazer face ao espraiamento do leito do rio, mas não a gótica que só começou a ser construída na ponta final do século XIII.

A ponte romana, que está hoje fora do curso atual do rio, tinha originalmente entre oito e nove arcos. Apesar das reconstruções e modificações ao nível do pavimento, conserva os arcos de volta perfeita com muitas das pedras almofadadas de amplitude diferente, situação que confere à estrutura um leve cavalete que pode não ser original. Além destas, outras características sobressaem, nomeadamente as marcas de *forfex* e a disposição em fiadas pseudo-isódomas[54].

A ponte medieval veio acoplar-se à romana no decurso da primeira dinastia. Normalmente é atribuída a D. Pedro I a responsabilidade da sua construção, mas o mais curial é que tenha sido um seu antecessor, talvez D. Dinis, quem tenha iniciado o processo. Pelo menos é o que se deduz de um documento do arquivo do Marquês de Ponte de Lima divulgado por Miguel Reys Lemos: *"como*

parte com a casa que foy de Pero da caua que moraua na dita vila e que esta junta com a dita ponte…e deem unde ao que houver de por mim ter a obra dessa para profeitamento da dita ponte"[55].

A vila de Ponte de Lima que o arcebispo de Santiago atravessou era muito diferente daquela que mereceu dois séculos mais tarde uma muralha e um conjunto de torres para reforçar a sua defesa[56]. As casas eram na sua maioria simples construções à base de madeira e nenhuma ficou para a posteridade. O mesmo se pode dizer do urbanismo, embora se conserve ainda hoje algum com laivos de medievalidade no epicentro do burgo da vila[57]. O que na realidade havia aqui no início do século XII era a feira, um caminho e uma ponte que permitia e facilitava a passagem de muitos peregrinos para irem até Santiago de Compostela. Em contramão estava o arcebispo de Santiago.

Ao entrar no burgo de Ponte de Lima, sucessor da *mansio* romana *Limia*, Diego Gelmirez entrava em território da sua rival arquidiocese de Braga, porque até ali tinha percorrido caminhos que pertenciam à diocese de Tuy. Só mais tarde, em 1514, é que os territórios do Alto Minho, integrados na administração eclesiástica de Valença, foram incorporados na arquidiocese de Braga, porque as vicissitudes políticas entre portugueses e castelhanos não permitiam que territórios seus fossem administrados religiosamente por não nacionais[58]. Mesmo do outro lado do rio o arcebispo tinha interesses diretos porque desde tempos recuados, desde 915, a *villa corneliana* pertencia aos bispos de Santiago por doação do rei Ordonho II. Esta só deixou de o ser a partir de 1426, com a compra do respetivo senhorio pelo Conde de Barcelos e futuro Duque de Bragança – D. Afonso.

A travessia da ponte levou o arcebispo até ao interior da vila e daqui, pela futura porta de Braga, rumou em direção à ponte de Goães, levantada sobre o curso do rio Neiva. O percurso é bem conhecido e já foi sobejamente tratado ressalvando-se o facto de singrar por um território ocupado com casais abastados ou simples casebres, igrejas, torres senhoriais, castros e castelos[59].

Na sua atual estrutura a ponte de São Pedro de Goães é obra românica nos seus três arcos de volta

[55] AHPL, *Pergaminho* 54 do maço VI; LEMOS, Miguel Roque dos Reys, op. cit., pág. 18.

[56] ALMEIDA, Pedro Miguel Dias Brochado de – *A muralha medieval de Ponte de Lima*, in Ponte de Lima, uma vila histórica do Minho (Coordenação de Carlos A. Brochado de Almeida), Ponte de Lima, 2007, pág. 89-129.

[57] ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; RODRIGUES, Sandra – *O Urbanismo tardo-medieval de Ponte de Lima*, in Ponte de Lima, uma vila histórica do Minho (Coordenação de Carlos A. Brochado de Almeida), Ponte de Lima, 2007, pág. 185-199.

[58] MOREIRA, Manuel António Fernandes – *Raízes Históricas da Diocese de Viana do Castelo*, Viana do Castelo, 1999, pág. 64-79.

FIGURA 10.
Santo Amaro.

FIGURA 11.
Ponte românica em cavalete.

perfeita e nas siglas que ostenta. Não foi sobre ela que a comitiva do arcebispo de Santiago passou, mas pela sua antecessora, que era obra romana. Desta restam quanto muito alguns silhares que foram reaproveitados na nova ponte e parte de um pequeno arco que se abre no paramento norte de acesso ao tabuleiro que de acordo com as técnicas pontísticas da época seria em **cavalete**. Esta ponte serviu a antiga estrada romana e mais tarde a medieval que se transformou na estrada real, como aliás era já conhecida em meados do século XVIII: *"Há nesta freguesia huma ponte de cantaria, com dois arcos bastantemente altas, por onde se servem os moradores desta ribeira e juntamente os passageiros que vem de Braga para Ponte de Lima, porque hé estrada real de huma terra para outra"*[60].

Transposta a Portela de Albergaria das Cabras, a estrada transitava pelas freguesias de São Tiago e São Miguel das Carreiras, São Martinho de Moure, São Julião da Laje até que chegava à margem do rio Cávado por alturas da atual ponte de Prado que um documento datado de 1176 afirma já existir: *"inter illam viam que vadit de Rua Nova ad pontem catavi"*[61].
Neste percurso não faltam provas documentais da passagem de uma estrada anterior ao começo do segundo milénio. Vem citada numa série de textos em que alguns são do antigo convento de Santo António de Barbudo, em Moure, e que foram compilados para uma coletânea conhecida por *Liber Fidei*. Num desses documentos, referente a São Julião da Laje, explicita-se que em 1079 havia naquela localidade uma carraria, ou seja, uma estrada destinada à circulação de carros: *"per illa carraria unde primiter incoavimus"*[62]. Num outro documento, este da coletânea dos Documentos Régios, que trata dos limites do couto do mosteiro de Santo António de Barbudo, que foi dada a favor da sé de Braga no ano de 1133, a especificidade é tão grande que chega mesmo a indicar que a estrada antiga passava junto à capela de São Tiago de Francelos: *"est determinatum per cautum de Feveros usque ad carrariam antiquam que ducit ad Sanctum Jacobum de Francelos"*[63].
A capela de São Tiago de Francelos está a dois passos da vila de Prado e da sua ponte que pelo me-

[59] ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *A VIA XIX em Território Limiano*, Ponte de Lima, 2008.

[60] CAPELA, José Viriato et alii – *As Freguesias do Distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758*, Braga, 2003, pág. 540.

[61] ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *A rede viária do Conventus Bracaraugustanus, Via Bracara Asturicam Quarta*, in Mínia, nº 3, 2ª série, Braga, 1979, pág. 102.

[62] *Liber Fidei*, doc. nº 273.

[63] DMP, DR, doc. 131.

nos desde o século XII permite a travessia do rio Cávado. Esta ponte, que seria românica ou mesmo romana, está longe de ser a atual, porque a que ali vemos nos seus nove arcos de amplitude desigual, data do reinado de Filipe I, que a mandou construir em 1617[64].

A romanidade deste sítio encontra-se demasiado patente nos vestígios arqueológicos que se conservam na estrutura da capela. No embasamento vislumbram-se pedras com *forfex* e o alpendre que protege a entrada principal da capela é sustentado por restos de colunas cilíndricas e por silhares almofadados à boa maneira da técnica tardo-romana e que provêm de um antigo edifício, quiçá mesmo de um templo, que existia na bordadura da estrada romana. Apesar disso, os sinais não se ficam por aqui. O próprio cruzeiro, que está na frente da capela, é composto por um fuste e uma base de tipo toscano cuja romanidade é por demais evidente.

Feita a travessia da ponte, porque pela data da viagem do arcebispo já havia uma ponte sobre o rio Cávado, o caminho até Braga era fácil, pois desde época romana que era um espaço muito povoado e com muitas referências patrimoniais e documentais[65]. Passava pelas freguesias de São Pedro de Merelim, São Miguel de Frossos e por Real, localidade onde está a igreja do convento de São Frutuoso de Montélios, um dos objetivos do nosso arcebispo peregrino. Daqui até Braga a caminhada era breve pelo que Diego Gelmirez tratou logo de mandar um emissário *"que anunciasse a sua chegada ao arcebispo da cidade"*[66].

Na cidade foi recebido com todas as honras pelo arcebispo Geraldo, futuro santo, juntamente com o clero e os cidadãos mais grados da urbe. Convidaram-no a celebrar missa na catedral, foi honrado com uma refeição digna da sua categoria e pernoitou no palácio episcopal[67]. Só no dia seguinte é que começou a saga que tinha premeditado, naturalmente à revelia e às escondidas do clero e do povo da cidade de Braga. Foi por isso mesmo que deixou para último lugar o roubo do corpo de São Frutuoso. Nessa altura já estava de regresso novamente pela estrada romana, aquela que lhe permitia uma circulação mais rápida, pois estava seguro que as tropelias cometidas em Braga não seriam en-

[64] É provável que os romanos tenham construído uma ponte por estes lados só que não há vestígios dela. Na actual não se vislumbra o reaproveitamento de elementos da antiga.

[65] *Liber Fidei*, doc. nº 228; DMP, DR, docs. 16, 17, 22 e 30.

[66] MARTINS, Mário, op. cit., pág. 54-55.

[67] MARTINS, Mário, op. cit., pág. 55.

[68] Esta estrada vinha da zona de Barcelos, passava na ponte das Tábuas, em Cossourado (Barcelos) e pelo vale da Facha chegava à Correlhã e a Ponte de Lima. Estamos a falar de um dos troços do principal Caminho para Santiago em território português.

[69] FERREIRA, J. Augusto – *O Célebre Arcebispo de Compostela D. Diego Gelmires em Braga e na Correlhã no ano de 1102*, in Almanaque de Ponte de Lima, Ponte de Lima, 1924, pág. 115-118.

caradas pacificamente, tal como de resto não o foram.

Para se recolher à propriedade que a diocese de Compostela tinha na **Correlhã**, concelho de Ponte de Lima, o arcebispo Diego Gelmirez teve de sair da Via XIX e por caminhos rurais chegar a uma outra estrada, também ela de origem romana, só que secundária[68] a qual passava precisamente em frente à dita quinta de São Tiago. Estamos a falar da via que vinha dos lados e Barcelos pelo vale da Facha (futuro Caminho Português jacobeu) e do lugar do Paço, onde se conserva uma capela dedicada a São Tiago, já arruinada e de traça arquitetónica bem posterior. Eram aqui os paços do bispo de Santiago e não junto das igrejas de traça românica, igreja paroquial e capela **Santo Abdão** que naquela altura ainda não existiam, pois, uma epígrafe coloca-as num período posterior, mais concretamente no século XIII ou mesmo já no XIV[69].

A capela de São Tiago, que agora entra num novo processo de recuperação, é a sucessora de uma outra ou outras, que estava em ruínas em 1764, mas que, a fazer fé em documentos datáveis da segunda metade do século XIII, já existia naquela altura. A capela era então designada por *"Santiago de Sá"*, topónimo que desapareceu do léxico local, subsistindo apenas um outro, o de paço.

O final desta história é conhecido. O arcebispo, com medo da reação popular, mandou, por caminhos ínvios e pouco conhecidos, as relíquias que havia trazido de Braga. O caminho seguido pelo arcebispo e seus acompanhantes não sabemos, mas suspeitamos que terão atravessado a serra d'Arga através da freguesia de Cabração, descido ao vale de Covas e dali tomaram novamente a estrada romana que passava nas imediações. O arcebispo, passado o perigo, retomou o seu caminho, tanto mais que o território para lá do Lima era-lhe religiosamente em parte afeto.

FIGURA 12.
Santiago na edícula da sua capela da Correlhã.

FIGURA 13.
Santo Abdão - Correlhã.